

FAMÍLIA E ESCOLA: EM BUSCA DA FORMAÇÃO DO LEITOR

Mariana Revoredo¹
Renata Junqueira de Souza²

Este artigo inicia-se com a seguinte indagação: O que é ler?

Esta é uma questão que requer um processo de investigação para respondê-la, posto que “a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções”. (JOUVE, 2002:17).

A leitura é um dos instrumentos fundamentais para que o indivíduo construa seu conhecimento e exerça a cidadania. Ela, além de ampliar nosso entendimento do mundo; propicia o acesso à informação com autonomia e permite o exercício da fantasia e da imaginação, estimulando a reflexão crítica, o debate e a troca de idéias. Ou seja, é, simultaneamente, objeto de conhecimento e instrumento de aprendizagem. Neste sentido, o ato de ler é cada vez mais, ferramenta essencial ao desenvolvimento pessoal e social.

O ato de ler é uma necessidade concreta para a aquisição de significados e, conseqüentemente, de experiências nas sociedades onde a escrita se faz presente. No entanto, para esse ato ser crítico, deve envolver a constatação, reflexão e transformação de significados a partir do diálogo e confronto de um leitor com um determinado documento escrito, pois uma leitura sem compreensão é uma mera ação mecânica. Há que se ressaltar também que cada pessoa, ao ler um texto, lhe atribui significados em razão também de suas experiências anteriores. Corroborando com esta idéia, Freire afirma que

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1992:11-12).

Do mesmo modo, é necessário pensar no ato de ler como possibilitador de descobertas sobre características comuns e opostas entre diferentes indivíduos, grupos

¹ Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)

² Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)

sociais e culturas inseridas em uma realidade e momento históricos; compreendendo assim a questão cultural, vista de forma mais ampla. “... o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido”. (MARTINS, 1985:30).

Freire (1992) ressalta ainda que o início da vida leitora de um sujeito se dá por meio da leitura de mundo, feita através de objetos, expressões, figuras, etc.

Assim, pode-se dizer que a leitura é construída no próprio meio em que vivemos, pois todas as expressões, símbolos e objetos são palavras lançadas como códigos de leitura, os quais o leitor terá que decifrar, ou seja, a leitura é a interação do indivíduo com o próprio mundo.

Saber ler, e bem, é, pois condição para gostar de ler e criar hábitos de leitura. Gostar de ler e gostar de interagir com textos é, por sua vez, condição para saber ler, e bem:

Quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras para ela, ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesmo e aos outros. (BAMBERGER, 2004:29).

Para gostar de ler é necessário conhecer, ou melhor, experimentar, as vantagens da leitura, a qual não pode ficar por um mero processo de decodificação; entrando também no domínio da compreensão e da interpretação, que permite construir conhecimento tendo por base o que já se conhece sobre o assunto, ativando referenciais e realizando aprendizagens significativas. Para gostar de ler, o leitor tem que se assumir como um sujeito ativo, ultrapassando a leitura literal, lendo nas entrelinhas, interagindo com o texto e confrontando-se consigo mesmo. É deste diálogo entre o leitor e o texto que, em larga medida, nasce o gosto pela leitura.

Em decorrência disso, na formação do leitor mirim não basta a colaboração e a relação entre texto e leitor, mas devemos também prever os chamados mediadores de leitura; que podem ser o professor, o bibliotecário ou a família; possuindo o importante papel de tornar a prática de leitura uma atividade prazerosa e não apenas mecânica.

Dessa forma, a família deveria ser a primeira mediadora de leitura, pois é o primeiro elo da criança com o mundo; no entanto os pais e demais membros da família,

na maioria das vezes, não possuem a dimensão da influência que podem exercer sobre as crianças com relação à motivação para a leitura.

É preciso que não se esqueça de passar para as crianças a importância, de descobrir, através do comportamento de seus pais, que a leitura pode vir a ser uma distração, um prazer, uma oportunidade de descontração, não uma ocasião de trocas e comentários. Se a criança nunca viu seus pais, que ela ama e admira, tirarem prazer da leitura, ela terá, sem dúvida, mais dificuldade para encontrar, ela mesma, este prazer. (CHARMEUX, 1997, p. 117 apud PERIN, 2009:29).

Ou seja, este é o período que se deve aproveitar para estreitar a convivência da criança com a leitura.

Ao facilitar esse acesso mais lúdico ao ato de ler, os pais e também os educadores estarão auxiliando em todo o processo de letramento futuro da criança. Frank Smith afirma que

As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa. Ela aprende quando seu pai dá-lhe uma chance para trabalhar com pregos e martelo. Ela aprende quando acha necessário verificar o preço de um equipamento esportivo num catálogo. *Ela sempre aprende com o objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente, quando existe um exemplo, um modelo a ser seguido*³. (apud SILVA, 1988:56).

A leitura em voz alta é um fator motivante dos pais para o filho e cria oportunidade para uma troca de experiências entre os mesmos, fazendo com que a criança saiba o que é considerado benéfico pelos pais. Se as crianças são criadas em um ambiente receptivo à leitura, em contato ativo com materiais que sugerem a recepção de textos é provável que no futuro ela conserve o gosto de ler. Se ao contrário a família não se envolver será mais difícil o trabalho dos professores.

Em outras palavras,

Se num primeiro momento de sua existência a criança aprende e se situa no mundo através da atribuição de significados a pessoas, objetos e situações presentes no seu ambiente familiar, então podemos inferir que esse mesmo ambiente deve ser potencialmente significativo em termos de livros, leitores e leitura. (SILVA, 1988:56).

Utilizamos a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossas vidas: no trabalho, na escola, no lazer ou em casa. É possível dizer que a leitura em casa

³ Itálico no original.

está ligada ao lazer enquanto em outros ambientes formais e estruturalmente rígidos, ela é utilizada como meio de acesso à informação e formação de uma nova visão de mundo.

A formação do leitor inicia-se, portanto, no seio familiar e se processa em longo prazo. Esse leitor deve ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e suas significações.

Dessa forma, a família, que funciona como referência para a orientação e construção da identidade de um indivíduo, deve promover o ato de ler para que, ao ser incorporado às mediações domésticas, construa o gosto pela leitura.

A promoção do ato de ler deve ser realizada também no âmbito familiar, pois essa responsabilidade não pode ser delegada somente à escola; mas sim a todos os espaços mediadores de leitura, em parceria.

O termo letramento vem sendo usado por alguns autores com o sentido de alfabetização. O letramento, no nosso ponto de vista, pode incluir a alfabetização. A noção de letramento está associada ao papel que a linguagem escrita tem na nossa sociedade, logo, o processo de letramento não se dá somente na escola. Os espaços que freqüentamos, os objetos e livros a que temos acesso, as pessoas com quem convivemos, são também agências e agentes de letramento. (GOULART, 2006:73-74).

Este letramento, realizado no seio familiar, pode ser compreendido como o contato dos signos através dos pais, seja pela história contada ou lida na hora de dormir ou canções ensinadas às crianças. Esses tipos de letramento auxiliam no fomento a leitura.

Sendo a sociedade constituída por valores morais, sociais, éticos, etc; a família, como espaço participante da sociedade, transmite também estes valores: um deles é o da leitura.

Com base nesses pressupostos teóricos e frente minha participação em recente pesquisa (Literatura na escola: espaços e contextos – a realidade brasileira e portuguesa), desenvolvida pelo Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” – CELLIJ – da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente; foram realizadas 16 entrevistas semi-estruturadas com pais (responsáveis) de que participaram da pesquisa citada anteriormente; tendo como objetivo verificar a concepção de leitura dos pais (ou responsáveis), a leitura realizada no contexto familiar e a mediação realizada para a formação do leitor.

Diante disso, foi possível iniciar a elaboração de algumas análises sobre a relação existente entre a família e a leitura.

Participação da família

Sabe-se que todos os incentivos são válidos para a constituição do gosto pela leitura, que pode ser praticada desde o momento em que a criança ainda é pequena, através do contato com livros de borracha, pano ou outros materiais, ou por meio da história contada pelos pais na hora de dormir.

Ao analisar as entrevistas realizadas neste trabalho, é perceptível que a família considera a leitura importante na vida de seus filhos. No entanto, as práticas de leitura ou contação de histórias realizadas por algumas dessas famílias não condizem com a afirmação anterior.

Quando perguntados sobre práticas leitoras realizadas juntamente com os filhos, apenas dois entrevistados declararam realizar tal atividade.

J. (2) – Pra você ter uma idéia, essa semana mesmo ele tem que fazer um trabalho pra escola, da vida dele. Então a mãe dele fez um rascunho com ele e até ontem a gente sentou pra ver se era aquilo mesmo. Aí a gente leu junto.

PESQ. – E vocês fazem sempre isso? De estar junto com ele?

J. (2) – Quando ele precisa, a gente faz com ele. Por exemplo nesse trabalho que é desde quando ele nasceu, ele não lembra de nada. Aí ele foi lá e escreveu, eu li e falei que era assim, assim, assado. Então, de vez em quando tem que corrigir.

PESQ. – E tem um momento que lêem todos juntos?

R². (2) – Tem. É no sábado. Aí todo mundo pega os textos, as Bíblias que nós temos, aí nós estudamos juntos.

Ainda assim, estas falas possibilitam uma retomada da concepção que a família possui sobre a leitura – relação com a aprendizagem – ao notar que as situações em que a família lê em conjunto são, em sua maioria, para realizar atividades escolares ou algum outro tipo de estudo, não observando em nenhuma das entrevistas a existência de leitura literária ou contação de histórias no ambiente familiar.

Bamberger discute essa relação mostrando que

A ajuda dos pais continua a ser necessária mesmo depois que ele tenha aprendido a ler. A criança deve ser capaz de sentir o interesse dos pais pelo que está lendo, mas nunca em forma de interrogatórios e estes a respeito daquilo que leram. (2004:71).

Em contrapartida, deve-se salientar o empenho da família em proporcionar esta atividade de leitura para seus filhos, quando ainda pequenos.

No caminho de formação e um leitor, passa-se, certamente, pelos momentos de ouvir histórias. Momentos em que a oralidade assume toda sua importância, mesmo nas sociedades contemporâneas, de forte cunho escrito e escassas oportunidades de narração. (BRENMAN, 2005:15)

Neste sentido, grande parte dos entrevistados declarou contar ou ler histórias para seus filhos durante a primeira infância.

PESQ. – E quais as histórias que a senhora contava?

R¹. – Ah, as histórias que eu ouvia da minha mãe, as histórias que todo mundo sabe.

PESQ. – E que histórias que são? A senhora lembra?

R¹. – Ah, tinha o Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Três porquinhos. Essas, sabe. Mas não lembro todas.

PESQ. – Quando eles eram pequenos, você lia ou contava história pra eles?

R². – Desde o meu ventre.

PESQ. – É?

R². – Porque eu catava, ficava conversando com eles. Porque muita gente, muitas mães pensam que o nenê quando ta na barriga ainda da gente não ouve, mas ouve tudo. Então eu ficava contando história, eu lia, principalmente a Bíblia, contava outras histórias.

Além disso, deve-se evidenciar, entre as entrevistas, as contações de histórias baseadas em vivências do passado, do dia-a-dia ou mesmo de narrativas transmitidas de geração em geração por pais, avós, etc.

M². – Inventava historinha do dia-a-dia pra ela dormir de veis em quando.

PESQ. – Histórias do dia a dia?

M². – É, coisa que ouço no serviço, coisas que aconteciam na vida. E ela gostava.

PESQ. – Mas e quando a senhora conta?

A. (2) – A, da cirandinha assim que eu sei. E alguma das roça que eu lembro, porque faz tanto tempo. (risos)

Sobre este aspecto, Goulart menciona que “as narrativas, principalmente, marcam a história da humanidade, possibilitando que cada nova geração conheça a História e as histórias das outras gerações que a antecederam.” (2006:73). Sob o mesmo ponto de vista Abílio & Mattos (2006:85) reforçam que “na relação adulto/criança, é grande a força do jogo de contar histórias, especialmente as histórias oriundas da tradição originalmente oral, já que estas estão presentes na vida cotidiana das crianças (...).”

Com isso, chega-se à conclusão que as famílias realizam uma tentativa de aproximação da criança com a leitura em sua primeira infância, mas acabam por deixar esta participação e/ou incentivo de lado quando seus filhos crescem; deixando a cargo deles próprios ou da escola a função de aproximação da leitura.

Referências

- ABÍLIO, Eleonora Cretton; MATTOS, Margareth Silva de. Letramento e leitura da literatura. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 84-89.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. 7. ed. São Paulo: Ática/UNESCO, 2004.
- BRENMAN, Ilan. *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)
- GOULART, Cecília Maria Aldigueri. Oralidade, escrita e letramento. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (p. 72-74)
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos)
- PERIN, Denise Alexandre. *Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de Presidente Prudente*. Presidente Prudente: UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009. (dissertação de mestrado)
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.